

A solidariedade de ^{7/9/85} facto e não abstracta

A solidariedade entre moçambicanos e zimbabueanos tem mais de 20 anos. Esta é a razão, mais do que suficiente, para justificar as operações conjuntas das forças armadas dos dois países irmãos e vizinhos.

A importância da solidariedade é evidente, está bem clara.

Como Samora Machel disse, ao falar para os jornalistas na serra da Gorongosa, **unimo-nos mais solidamente nos momentos difíceis.**

Tanto ao fazer esta declaração, como ao falar às 20 mil pessoas, no comício de ontem, em Chimoio, o Chefe do Estado reteve particular atenção em torno do tema solidariedade.

Falou do tempo em que os moçambicanos combatiam de armas na mão o colonialismo português e os zimbabueanos utilizaram as zonas libertadas de Tete para atingir o seu país, também colonizado, sob a batuta de um regime minoritário, rebelde e racista, aliado dos colonialistas portugueses.

Falou do tempo em que, após proclamada a independência nacional, e

sobretudo quando o Governo da RPM, decidiu impor sanções económicas contra Smith, muitos zimbabueanos refugiaram-se no nosso País e daqui foi organizada a luta armada contra o regime de Smith. Falou dos cinco mil combatentes internacionalistas moçambicanos que, ao lado das forças da ZANU, lutaram contra o exército rodesiano. Porque sentíamos que, enquanto o Povo zimbabueano não fosse livre e independente, não estaríamos totalmente livres e independentes.

Falou das agressões que as Forças Armadas de Smith lançaram contra o nosso País. Dos bombardeamentos, dos ataques terroristas, dos assassinatos e dos massacres. Smith misturou o sangue dos zimbabueanos com o dos moçambicanos. Na memória de todos ainda está fresca a triste recordação de Nyazónia.

— **Chimoio era hospital dos zimbabueanos. Tete era hospital dos zimbabueanos.** — recordou Samora Machel, que se referiu às grandes vitórias infligidas pelas FPLM, em Mapai e Mavonde às forças agressoras rodesianas. Só em Mavonde, a Força Aérea de Smith, perdeu 12 aviões de combate a jacto, de uma esquadrilha de 15 aparelhos.

Falou dos combatentes internacionalistas moçambicanos que avançaram para a Tanzânia, quando este país foi invadido pelas tropas do ditador ugandês, Idi Amin Dada. Os moçambicanos foram com os tanzanianos até Kampala, a capital do Uganda.

Agora, os zimbabueanos vieram lutar ao lado dos moçambicanos para acabar com o banditismo armado, porque sentem que os inimigos dos moçambicanos são os seus inimigos. Porque os zimbabueanos e os moçambicanos estão ligados em tudo, estão ligados historicamente, cultural e geograficamente.

— **Por isso, os zimbabueanos não são estrangeiros no nosso País. São nossos irmãos.** — disse o Presidente Samora Machel, que apresentou às 20 mil pessoas reunidas em Chimoio, o Major-General Sheba Gabe e o Brigadeiro Anew Kambeua, os dois principais responsáveis pelas forças zimbabueanas que estão entre nós. Nessa altura, também foi apresentado o Brigadeiro Joseph Robert Hall, das Forças Armadas da Tanzânia.